



REVISTA
Educação, Cultura
e Sociedade

REVISTA EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE - RECS

Vol. 16, n.2, 32ª Edição, 2025

ISSN: 2237-1648 e-mail: revistaedu@unemat.br

<https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>

<https://doi.org/10.30681/ecs.v15i2.13443>

A INFÂNCIA NA ENCRUZILHADA: imagens da infância em intelectuais latino-americanos

CHILDHOOD AT THE CROSSROADS: images of childhood in Latin American intellectuals

RESENHA

André Francisco Berenger de Araujoⁱ
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro - RJ
E-mail: andrefrancisco21@gmail.com

RESUMO:

Resenha de: JOSIOWICZ, Alejandra J. *A cruzada das crianças: intelectuais, cultura e política na América Latina*. Trad. Carolina de Souza Machado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023. 294 p.

Palavras-chave: Criança; História Contemporânea; América Latina;

Editor deste número:
Dr. João Batista Lopes da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso
e-mail: revistaedu@unemat.br

ABSTRACT:

Review of: JOSIOWICZ, Alejandra J. *A cruzada das crianças: intelectuais, cultura e política na América Latina*. Trad. Carolina de Souza Machado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023. 294 p.

Keywords: Childhood; Contemporary History; Latin America;

RESUMEN:

Reseña de: JOSIOWICZ, Alejandra J. *A cruzada das crianças: intelectuais, cultura e política na América Latina*. Trad. Carolina de Souza Machado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023. 294 p.

Palabras clave: Niños; Historia Contemporánea; América Latina.





ublicado originalmente em espanhol, e resultado de tese de doutorado defendida pela autora, *A cruzada das crianças: intelectuais, cultura e política na América Latina* foi publicado no Brasil em 2023 pela Editora da Fiocruz. A autora atua, desde 2020, como professora no Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No campo da História da Infância, a obra apresenta uma contribuição significativa, ao articular as políticas direcionadas à infância e o pensamento sobre a criança de diferentes intelectuais e escritores da América Latina entre o século XIX e o século XX. Destaca-se, ainda, a perspectiva transnacional, envolvendo ao menos três países do continente, direcionando a discussão do campo da História para além do recorte estritamente nacional. Além disso, a sensibilidade da pesquisadora em articular as figurações literárias da infância nesses escritores e as discussões políticas sobre a infância no continente é um elemento a mais para a apresentação de uma história complexa da atenção à infância, que se mostra, a partir da fonte literária, de forma não-linear, mas entremeada de disputas entre diferentes concepções e imagens da infância, contraditórias e, às vezes, ambíguas, que incitam o leitor a vislumbrar as transformações pelas quais passaram as relações entre família, Estado, sociedade e crianças, em um século de acelerada “modernização”.

Neste sentido, a mobilização de fontes literárias permitiu à autora produzir uma tensão a uma história das instituições voltadas à infância a partir do campo da História Intelectual. As publicações e intervenções dos autores em questão permitem colocar em perspectiva as políticas para a infância e pôr em relevo os embates que a constituíram. Assim, a pesquisa aborda a produção literária relacionada à infância do cubano José Martí, no final do século XIX, do uruguaio Horácio Quiroga, nas duas primeiras décadas do século XX, e dos brasileiros Mário de Andrade e Clarice Lispector, nas décadas de 1930 e 1960/1970, respectivamente. A aparente distância entre os autores se traduz, na fatura do livro, em uma constelação que faz o leitor perceber o movimento descontínuo da diversidade e da desigualdade que constitui a história da infância na América Latina.

O primeiro capítulo, portanto, aborda o pensamento de José Martí a partir da análise de suas crônicas, principalmente escritas no período em que viveu em Nova York, e de seus textos voltados para crianças. Como recurso de pesquisa, a autora recorre ainda a cartas e outros registros (como a fotografia de Martí e seu filho, cuja

análise abre o capítulo). Martí escreve sobre a infância e revela um imaginário que expressa um movimento duplo no contexto do autor cubano: por um lado, suas preocupações com os processos de independência em Cuba no final do século XIX, mas, por outro lado, as transformações provocadas pela rápida e intensa modernização capitalista, vivenciada com particular intensidade nos Estados Unidos das últimas décadas do século XIX. Assim, a escrita de Martí sobre a infância, ou voltada para leitores infantis, revelaria tanto os dilemas do processo de modernização capitalista, quanto os desafios da consolidação da pátria.

Desse modo, a relação entre pai e filho, na obra de Martí, aparece de maneira que representa o mundo infantil como uma espécie de refúgio no qual o homem moderno encontra alguma libertação do papel de homem público ou premido pelas exigências econômicas do capitalismo. A relação tradicional hierárquica familiar se subverte: aparece o laço de afeto pelo filho, ou mesmo sua adoração, como forma de escape das pressões de uma vida moderna. A infância aparece como a experiência da descontinuidade do mundo moderno, o seu próprio limite. Ao mesmo tempo, no entanto, esse limite que a infância representa é o ponto onde ela também expressa a historicidade mesma do humano. Martí empreende um esforço em figurar uma infância que represente uma força renovadora e, no contexto da luta republicana, a possibilidade da construção de um modelo cívico que possa ser o futuro da pátria liberada. Por meio dos textos publicados em *La Edad de Oro*, Martí apresenta narrativas que expressariam uma infância virtuosa, que vivencia uma atitude ética de preocupação com o outro, de generosidade e, no limite, de consciência social.

Em um contexto de expansão das publicações voltadas para o público infantil, Martí busca apresentar uma concepção dinâmica entre a criança e o livro, pensada não apenas como instrumento didático, mas como apelo à sensibilidade infantil, através de um estilo despojado, coloquial. Segundo Josiowicz, “a ambivalência de Martí, entre o conceber o texto como ‘algo íntimo’, ‘obra de afeto’, à margem de todo valor comercial, e como objeto editorial publicável, responde ao contexto transicional do campo editorial latino-americano” (Josiowicz, 2023, p. 69), no qual se faz uma lenta passagem da preferência por um público restrito para um novo mundo da tecnologia impressa e do mercado editorial. É nesse contexto do mercado literário que Martí desenvolve, portanto, suas também ambivalentes concepções de infância: a infância como um refúgio da modernidade, como traço da descontinuidade da experiência histórica e como modelo de formação da virtude cívica, capaz de produzir novas formas de cidadania, imaginadas por Martí na luta pela independência de Cuba.

O segundo capítulo se aproxima do pensamento de Horacio Quiroga, escritor uruguaio que desenvolve suas atividades nas primeiras décadas do século XX. Em um contexto de progressivo aumento de regulação da vida privada pelo Estado, Quiroga apresenta um conjunto de ideias que respondem de forma ambígua à modificação da vida familiar do início do século, particularmente nos contextos urbanos. Por um lado, contra as políticas higienistas em voga, que implicavam a disciplinarização de uma criança supostamente “selvagem”, Quiroga apresenta uma infância vivida ao ar livre, exposta à natureza, como forma de recuperar uma potência humana. A criança apareceria, então, como sintoma de uma crise moral e a vida urbana como oposta ao mundo natural. Quiroga imagina, então, uma infância vivida a partir de práticas ao ar livre e uma exposição da criança a certos perigos da vida natural, em uma espécie de

“pedagogia do perigo”.

Por outro lado, essa postura convive com uma ênfase do autor no elogio ao pátrio poder e o lamento de seu declínio. Algumas de suas narrativas apresentam crianças expostas a um certo aprendizado “natural”, desafios que são de certa forma superados por conta própria, embora sob o olhar superior do pai. Ali, essa pedagogia do perigo tem sua figuração máxima. No entanto, ao mesmo tempo, alguns desses contos terminam com o desamparo dessas crianças. Assim, Quiroga apresenta também um impasse de sua “pedagogia do perigo”: o potencial desamparo e abandono da criança, que mobiliza também, segundo Josiowicz, uma alegoria da perda da autoridade paterna.

A atuação de Quiroga no mercado editorial se faz, portanto, com a proposta de uma literatura infantil apresentada como aventura. Suas narrativas aparecem em resposta a um certo controle da escrita voltada às crianças por meio da literatura escolar, que buscava ordenar a exposição das crianças ao mundo da imaginação. Em vez disso, mobilizando de forma oportuna o crescente mercado editorial, Quiroga aposta em publicações que operam em um registro “sensacionalista”, diretamente em revistas que correriam por fora do circuito escolar.

A relação de Mário de Andrade com a produção de um imaginário sobre a infância é o tema do terceiro capítulo. A infância aparece na obra do autor brasileiro também de maneira dupla: entre a experimentação estética e a construção de uma nova cultura nacional. Talvez em contraste com os personagens estudados por Josiowicz nos capítulos anteriores, Mário de Andrade apresentaria uma visão não-essencialista da infância, na medida em que a criança aparece como um elemento de deslocamento e de cisão entre o sujeito e o mundo na obra literária e nas intervenções políticas do intelectual paulista. Nesse sentido, além de uma imagem de uma infância que provoque esse deslocamento no sujeito do adulto, a infância em Mário de Andrade também revelaria a precariedade do corpo social e seria testemunha da construção de uma nova ordem. Em um contexto de expansão das políticas voltadas à infância, Mário de Andrade apostaria em uma educabilidade da infância e da criança como portadora de cultura.

Em sua atuação como diretor do Departamento de Cultura e Recreação do Município de São Paulo, entre 1935 e 1938, Mário de Andrade desenvolve uma série de iniciativas nas quais concebe a infância como um modo de reativar a cultura brasileira popular. A criação dos Parques Infantis, espaços voltados para o atendimento da infância proletarizada em uma cidade de forte crescimento industrial, faz parte de um projeto que une políticas voltadas para o desenvolvimento artístico da criança e para a investigação sociológica da infância. Nesse sentido, as crianças seriam, para Mário de Andrade, não exatamente uma “tábula rasa” na qual se edificaria a cultura nacional, mas partícipes dessa cultura nacional, sujeitos que seria necessário investigar e escutar para a construção de uma nova ordem social. Os Parques Infantis idealizados por Mário de Andrade, portanto, seriam “espaços de socialização cooperativa e conscientização dos sujeitos para uma ordem social futura. Além disso, são também espaços de revitalização da cultura popular regional brasileira, encenada no corpo e na voz das crianças” (Josiowicz, 2023, p. 175).

O concurso de desenho para as crianças dos Parques Infantis faz parte, então, dessas iniciativas de investigação e de criação de espaços de expressão infantis. O

concurso engendrou ainda uma série de reflexões de Mário de Andrade sobre a relação entre arte moderna e arte infantil, nas quais, entre outras anotações, o autor observa a natureza “expressionista” daqueles desenhos. Além disso, o incentivo e o estímulo à liberdade artística das crianças estariam no bojo de um projeto de Mário de Andrade cuja tarefa central seria menos a de descoberta de gênios individuais e mais a constituição de um “povo de artistas”. Segundo Josiowicz, “é nesse sentido que Mário de Andrade concebe o expressionismo da arte infantil: como atualização dos laços sociais coletivos e estimulação de um tipo de imaginação estética própria de um futuro ‘povo de artistas’” (Josiowicz, 2023, p. 179).

Por fim, os livros infantis e as crônicas escritas por Clarice Lispector servem de guia para identificar uma modificação do lugar das crianças já na segunda metade o século XX. Única mulher cuja escrita é objeto do livro de Josiowicz, Clarice expressa um conjunto de transformações nos papéis de gênero em curso a partir da metade do século XX, o que implica mudanças nas relações familiares e nas expectativas sobre o cuidado com as crianças. Clarice Lispector insere-se nesse debate, segundo Josiowicz, de maneira ambígua, em que, por um lado, reafirma certo papel tradicional da mulher enquanto responsável pelo cuidado e bem-estar da família, mas também, por outro lado, propõe um experimentalismo estético que produz uma imagem da criança mais complexa, que deve ser ouvida e cuja subjetividade deve ser investigada por uma mãe atenta aos desejos de seus filhos.

Clarice escreve crônicas para revistas femininas desde os anos 1950, inicialmente usando pseudônimos, e expõe o que seria um novo paradigma para criação dos filhos, em que a preocupação com a saúde e o bem-estar da criança se mostraria em primeiro plano. Nesse sentido, Clarice comenta sobre uma série de artigos de consumo direcionados à criança que a indústria introduziria no consumo familiar e que prometeria um melhor atendimento às necessidades das crianças e das mães responsáveis por seu cuidado. Clarice expressaria nessas crônicas, portanto, um sentido duplo sobre o papel da mulher nas formações familiares: por um lado, a reafirmação da relação entre mãe e filhos como pilar de certa ordem social e, por outro lado, os novos papéis sociais das mulheres, particularmente aquelas das camadas médias urbanas, que estavam se inserindo no mercado de trabalho e na esfera pública.

No entanto, ao lado dessa visão que reafirmaria o papel tradicional da mulher em relação às crianças, mesmo diante de transformações sociais e econômicas significativas, Clarice apresenta também modelo não-tradicional de relação entre mães e filhos. O impacto da psicanálise nas discussões culturais e na compreensão da subjetividade parece fazer parte da experimentação estética que Clarice realiza e que se expressa nessa representação complexa do mundo infantil e de sua relação com os adultos. Assim, as crianças nos livros infantis e nos contos cujos personagens principais são crianças são apresentadas como portadoras de um saber intuitivo e de uma inteligência emotiva e sensorial singulares. Nesse sentido, a mãe, ou o adulto, se tornaria não só uma cuidadora, mas também uma investigadora da infância, em uma busca filosófica própria que teria como objeto esses seres com uma subjetividade

particular.¹

O último capítulo de *A cruzada das crianças*, escrito especialmente para a tradução brasileira, se volta sobre a saúde das crianças na obra dos intelectuais objeto dos capítulos anteriores, talvez como forma de suplemento em um livro publicado por uma editora voltada particularmente para a ciência, a saúde e sua história. No entanto, embora a partir de novos materiais, as observações não apresentam uma novidade substantiva aos capítulos anteriores. Assim, para José Martí, a saúde infantil aparece tanto quanto um dilema da modernidade urbana quanto um desafio para as novas repúblicas latinoamericanas, mas para Horacio Quiroga, a solução para saúde das crianças estaria em um contato mais íntimo com a natureza e em uma relação mais vital com a figura paterna. Já em Mário de Andrade, a preocupação com a saúde infantil aparece a partir da perspectiva de políticas públicas destinadas à promoção de medidas higiênicas e nutricionais, por exemplo, e sua denúncia como sintoma da exclusão social. Em Clarice, o cuidado com a saúde das crianças aparece recolocando a mulher como figura central dessa atenção, tanto como uma espécie de enfermeira, ciente do necessário para o bem-estar das crianças, quanto uma espécie de psicóloga no interior do lar, capaz de ouvir e desvendar os desejos, sentimentos e frustrações da criança.

Alguns leitores podem, por fim, sentir falta de um capítulo para a apresentação de uma conclusão ou considerações finais. Essa seção poderia sintetizar algumas das discussões e conceitos que atravessam a pesquisa sobre a obra dos intelectuais em questão. Além disso, tais temas poderiam aparecer, em uma síntese, a partir da problematização da infância na obra de intelectuais de países periféricos do capitalismo, em um continente como a América Latina. Apesar desses temas aparecerem dispersos nos capítulos do livro, pode fazer falta, a alguns leitores, uma síntese que articule tais assuntos entre os diferentes autores. De qualquer maneira, Josiowicz apresenta uma história aberta sobre a relação entre infância, cultura, intelectuais e política, propõe aos pesquisadores e interessados um conjunto importante de questões.

Uma nota final sobre o título do livro. A autora o justifica se valendo da referência ao título de um volume não escrito de Michel Foucault para sua *História da Sexualidade*, que se chamaria, justamente, *A cruzada das crianças* (Josiowicz, 2023, p. 24). No entanto, o título remete a, pelo menos, mais duas referências literárias. *A cruzada das crianças* é o título escolhido pelo escritor francês Marcel Schwob, no final do século XIX, para seu pequeno livro em que recria uma lenda medieval na qual um grupo de crianças teria se reunido, ao fim do tempo das Cruzadas, em uma última expedição à Jerusalém (Schwob, 2020). A expedição, fadada ao fracasso, é narrada por diferentes vozes, numa estrutura polifônica que revela a imagem dessas crianças para diferentes personagens: um leproso, um papa, um monge maometano, algumas das crianças etc. Schwob apresenta, assim, uma imagem forte da infância, que é dominada por uma visão religiosa, mas também desesperada e sem futuro, e termina em uma caminhada debaixo de um sol escaldante de algum país árabe, sem esperança de chegar à Jerusalém.

¹Em publicação recente, resultado de sua dissertação de mestrado da Unicamp, Mell Brites se debruça sobre os contos e livros infantis de Clarice Lispector e, por outros caminhos, se aproxima e amplia as observações feitas por Alejandra J. Josiowicz. Ver: Brites, 2021.

Por outro lado, *A cruzada das crianças* também é o título escolhido por Bertold Brecht para um poema em torno da experiência da Segunda Guerra (Brecht, 2014). Em uma assumida referência ao livrinho de Schwob, Brecht reescreve aquela história, que agora apresenta um grupo de crianças que tenta ir para o sul, ao fugir dos horrores dos bombardeios, em uma tentativa de chegar em um lugar sem guerra. Em um outro contexto, e sob a perspectiva singular do poeta alemão, a lenda medieval ganha ares de manifesto antifascista e de denúncia dos horrores do nazismo. Ao mesmo tempo, no entanto, o desamparo das crianças não é amenizado por uma mensagem de ingênua esperança – o abandono é figurado de modo a sugerir uma luta que ultrapassa o combate histórico contra o nazifacismo.

Posto assim, em perspectiva, o título *A cruzada das crianças* ganha ainda mais densidade e coloca o leitor diante de um livro que não só apresenta a história de representações sobre a infância na obra de intelectuais relevantes na história política e cultural do continente, mas deixa uma brecha para que se vislumbre a cruzada de gerações de crianças da América Latina em torno de sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

BRECHT, Bertolt. *A cruzada das crianças*. Trad. Tércio Redondo. Ilustrações Carme Solé Vendrell. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2014.

BRITES, Mell. *As crianças de Clarice: narrativas da infância e outras revelações*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

JOSIOWICZ, Alejandra J. *A cruzada das crianças: intelectuais, cultura e política na América Latina*. Trad. Carolina de Souza Machado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023.

SCHWOB, Marcel. *A cruzada das crianças*. Trad. Milton Hatoum. Prólogo Jorge Luis Borges. Ilustrações Fidel Sclavo. São Paulo: Editora 34, 2020.

i Sobre o autor:

André Francisco Berenger de Araujo (<https://orcid.org/0000-0002-7219-4129>)

Professor de História na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Doutor em História (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ). Mestre em História Social (Universidade Federal de Goiás - UFG). Graduação em História (Universidade Federal Fluminense - UFF)

Como citar este artigo:

ARAÚJO, André Francisco Berenger de. A infância na encruzilhada: imagens da infância em intelectuais latino-americanos. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**. vol. 15, n. 2, p. 172-179, 33ª Edição, 2025. <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>.

Revista Educação, Cultura e Sociedade é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

Indexadores: DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV – DIADORIM – SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES – GOOGLE SCHOLAR